

# O Trabalhador

NO V Tip. União Gráfica R. de Santa Marta, 158 — Lisboa Director e Editor: Manuel da Anunciada Soares Redacção e Administração: R. Capelo, 5 — 2.ª, Esq. N.º 1  
1 DE NOVEMBRO DE 1938 Propriedade da Empresa da Revista Renascença, L.ª QUINZENÁRIO — Avulso \$30

## Reino de Justiça, de Amor e de Paz

No último domingo de Outubro, celebrou a Igreja a Festa de Cristo

Por todo o universo, soou, nesse dia, o cântico de louvor a Cristo e milhões de almas imploraram a Deus. Todo Poderoso, a implantação do Seu reinado no mundo: Reino de Verdade e de Vida, Reino de Santificação e de Graça, Reino de Justiça, de Amor e de Paz!

O Trabalhador não deseja outra coisa do que contribuir o mais que puder para a implantação, em Portugal, do reinado de Nosso Senhor Jesus Cristo. Por isso se pôde, de alma e coração, ao serviço da Verdade e da Vida, da Santificação e da Graça, da Justiça, do Amor e da Paz.

Talvez seja por isso mesmo, que tão odiado é pelos servidores da mentira e da Morte, pelos escravos do pecado, pelos fazedores de injustiças, pelos promotores do ódio e da luta.

Maior glória é a nossa, mais segura será sem dúvida a vitória! Contra todos esses, nós proclamamos bem alto a Realza de Cristo, defendemos com energia a Sua doutrina de Vida Eterna.

É para a implantação do seu Reinado que nós enchemos as colunas do nosso jornal com violentas acusações contra as injustiças, contra o despolo pela vida alheia, e contra o derramamento do sangue do povo.

Operário! Ergue a tua frente!

Esse Rei divino, cujo Reinado, no dizer do Santo Evangelho, não tem fim, é teu amigo, teu irmão e teu camarada! Foi, como tu, operário. Como tu, sofreu todas as injustiças, todas as violências, todas as fadigas, todas as dores. Esse Rei divino — Homem e Deus — teu irmão e teu Senhor, teu amigo e teu Juiz, morreu, pregado numa cruz pelo judaísmo ensandecido, para te trazer a Vida, o Amor e a Paz.

Ele espera-te para te fazer eternamente feliz, para reinar sobre o teu coração, na misericórdia do Seu infinito Amor. Ele crê em ti, na tua generosidade, na tua dedicação. Na mina ou no campo, no escritório ou na fábrica, no alto mar ou nos canos de esgoto, Ele trabalha contigo, Ele quer viver em ti.

Ergue a tua frente! Despe os lutos da tua orfandade! Crê e tem esperança.

Nós estamos todos unidos numa só alma e num só coração, para implantar no mundo o Seu Reinado.

Que nos acusem de comunistas, de revoltados, de idiotas, de tudo, nada nos interessa. Nós queremos servir a Cristo, queremos que venha a nós o Seu Reino.

Reino de Verdade! Trabalharão para o Reino de Deus os que vivem da Mentira, os que, à custa da mentira, iludem as leis de defesa dos operários?

Reino de Vida! Estarão servindo o Reino de Deus, os que despresam a vida dos seus operários, deixando-os passar fome, tuberculizar, definharem e morrer, só para encherem mais abundantemente os seus cofres?

Reino de Santificação e de Graça! Serão servidores de Deus, os que vivem tais condições de trabalho aos seus operários e operárias que, dificilmente, podem praticar a virtude? os que não santificam o domingo? os que exploram o trabalho das mães, das donzelas e dos menores?

Reino de Justiça! Defenderão o Reino de Deus os que, diariamente roubam os seus operários, os que, para competirem com os seus rivais ou para se tornarem grandes, não pagam o justo salário a quem trabalha?

Reino de Amor! Serão amigos do Reino de Deus os que maltratam os operários, os que os insultam, os que os multam por tudo e por nada, os que os despedem sem razão só para se vingarem das leis ou das multas que são condenados, os que os obrigam a trabalhar violentamente, os que fazem das suas fábricas, dos seus escritórios ou dos seus campos um meio de enriquecer à custa da fome e do suor alheio?

Reino de Paz! Querão a implantação do Reino de Deus os que, pelo seu procedimento egoísta levam os operários à revolta surda, à indignação, ao ódio? Os que provocam com as suas atitudes de sobras as reacções, tantas vezes legítimas, dos seus operários?

Operários! Sêde vós amigos do Reino de Deus. Sêde vós servidores da Justiça e da Verdade, do Amor e da Paz. Não vosso próprio interesse, peço a Deus que venha a nós o Seu Reino. Não tenteis opor também à difusão do Reino de Deus as vossas iras, as vossas injustiças.

O preceito de Cristo, vosso Camarada, é este: Amai os que vos odeiam, fazei bem aos que vos perseguem e caluniam.

Tereis assim o Reino de Cristo em vós e sereis emancipados de todas as escravidões!

E vereis raiar a aurora do mundo novo, em que a Paz entre o Capital e o Trabalho, provocará o Amor entre operários e patrões, fará reinar a Justiça e a Verdade nas relações de uns com os outros, e sobre todos descerá a Santificação e a Graça, penhor da Vida, nesse Reinado que nunca terá fim.

Operários! Viva Cristo-Rei! Porque só Ele nos trará a salvação, a alegria, a abundância, a justiça, e a paz.

A. V.

## RESPEITOS HUMANOS

### UM CONFRONTO

Verão passado, Domingo. Estamos no alto da bellissima torre da nova câmara municipal de Casablanca, a grande cidade do Marrocos francês. Estamos — o nosso digníssimo cônsul, sr. Aderito Carmona, filho de S. Excelência o sr. Presidente da República, e eu.

Estávamos admirando a beleza do vastíssimo panorama, quando deu meio-dia. Aos nossos pés, numa vasta praça onde estavam operários mouros trabalhando no monumento, que vai ser inaugurado agora em novembro ao marechal Liautey. Logo que deu meio dia vimos — e admirámos, eu, pelo menos! — um operário, e depois outro, e outros, largarem o trabalho, voltarem costas à avenida que passa a um dos lados da praça, e olhando para o Oriente, para o lado onde, lá muito longe, a muitos dias de viagem, mesmo com os meios rápidos modernos, está a Meca e o túmulo do seu profeta Macomé, começaram a sua oração.

Cada um, a pequena distância dos outros, perfilado, erguia os dois braços acima da cabeça baixava-os descrevendo uma curva lentamente, depois ajoelhava, beijava a terra, erguia o corpo ficando ajoelhado, e após um breve espaço de tempo beijava segunda vez a terra, permanecia ainda por algum tempo de joelhos, levantavam-se e reconheciam os mesmos actos.

E isto fizeram-no mais de dez ou quinze vezes.

Tive curiosidade de saber em que consistiria a oração deles. Um mouro depois cá em baixo informou-me. Cada uma daquella série de actos representa a invocação de um dos atributos de Deus e uma breve meditação sobre esse atributo.

- Deus poderoso — salvação com os braços, genuflexão, beijos na terra.
- Deus santo!
- Deus justo!
- Deus misericordioso!

E fiquei-me a pensar na sinceridade da fé destes homens, apesar das fraquezas humanas, que são inevitáveis em todas as religiões — e a comparar aquelles mouros com os cristãos que nas ruas da capital disfarçam o acto de tirar o chapéu diante duma igreja... coçando a nuca, incomodada por comichão precisamente onde há igrejas!

Também ao embarcar, no porto de Rabat, assisti à outra cena.

Estavam muitos mouros carregando sacos para Portugal. Eu estava já á bordo do navio amarrado ao cais. E reparei que cada mouro, ao levantar do cais o sacco para o levar para bordo gritava uma formula que eu não podia entender, mas que era sempre a mesmalla. Uma espécie de ufa mas mais complicada a fórmula, — pensei eu. Pois não era. Informei-me junto de um policia marroquino e este explicou-me:

— Cada mouro, ao levantar o sacco, diz uma fórmula religiosa, que é, pouco mais ou menos:

— Deus nos ajude no trabalho;

Para que comentar e fazer novamente comparação entre o que se passa em terra de mouros e em terra de cristãos?

## CAMPANHAS

Há bastante tempo, que tanto no campo ateu, como no campo religioso, se vem notando uma grande campanha contra a demoralização de costumes.

O materialista pensa em curar o corpo, há tanto tempo doente.

O católico pensa em purificar o alma há tanto tempo contaminada.

Se os dois conseguirem os seus fins, só tem o materialista de entregar ao católico o corpo que curou; por este colar nole a alma que purificou. Melhor faria, por, se entregasse corpo e alma, porque dum e doutro, cura o catolicismo.

## AUTORIDADES RURAIS

Porque ventila um problema grave que nos merece a nossa melhor atenção, transcrevemos do n.º 163 do *Jornal de Sintra* o artigo que segue, e que nos foi gentilmente enviado pelo seu autor.

A psicologia da desordem e do crime, em Portugal, certamente de há muito está bem estudada pelos homens da alta Jurisprudência que militam nesta especialidade científica e profissional, e cuja bagagem lhes á autoridade bastante para pontificarem sobre o assunto.

Portanto, não seremos nós, minúsculos séras perante essas colossas, complexos leigos ante aquêle ardepoço, quem venha fazer luz e fornecer um subeúdo para o estudo da criminologia do nosso país! Não. Ridiculaente nos collocaríamos perante essas altas capacidades, se a tanto nos albançassemos.

Mas, como pela Constituição da República, a todos é licito expandir as suas ideias, quando estas não sejam subversivas e atentatórias da segurança do Estado, permitam-nos os senhores da Justiça, que, modesta e sinceramente lhes sugiramos um alvitre que, quando não seja executado completamente na sua síntese, poderá, depois de passar pelo filtro das competências, ser aproveitado em favor do socoço nacional.

Verificado está, e de há longos anos, que a grande percentagem da desordem e do crime, por causas sem fundamento, mas com requintes de crueldade, tem a sua origem nos sítios rurais e, quasi sempre, o seu prólogo ou o seu epílogo na taberna do lugarelo ou da estrada.

Analisemos bem o noticiário e veremos que raras vezes se dão essas cenas sangrentas nas sedes das freguesias, onde, pela organização administrativa, existem: o regedor e seus respectivos cabos, mas cuja autoridade está, naturalmente, apoiada pelas pessoas de categoria all residentes o ainda, nalgumas, pela proxi-

midade do poder central — a ser concelho.

Nos lugares afastados das autoridades do vinho, a falta de cultura e de respeito por alguém, são sempre os factores principais para uma anarquia local; e jámal será possível, por esse lado, pôr cõbro ao crime, quantas vezes cada por individuos que seriam inazes do o levar a efeito se, numa propicia, um alguém intervisse com a autoridade official e... moral.

Podem responder-nos que nesses e nos lugares rurais, existem os cabos-chefe!

Para que servem essas pseudo-competências?...

São delegados dos regedores das freguesias?

Sim. Mas de que lhes vale essa designação?

Vamos a analisar os individuos, quem real, qualis sempre, a função cabo-chefe?

Num taberneto? Num tendeto? Num sapateo? Num trabalhador rural?

Vejuemos os resultados, na prática vida campestre:

O primeiro: é exactamente o elle que reúne á volta do seu balcão o de parlamento da dissolução social, provocação, da embriaguez e suas quências!...

Que autoridade tem esse homem, pois de ter vendido canadas suas de vinho, para intervir, legalmente, em conflito grave, gerado pelo negócio, lhe interessa?

O segundo: são indios que tem sempre, pelo seu modo de o interesse do se ligarem com os nappes do lugar onde exercem a função e, como precisam viver bem com os troianos, nunca estão ao facto de ocorrência, porque: um estara a

(Continua na 2.ª)

## Evoquemos os nossos mortos

Quando este número do *Trabalhador* chegar á mão de muitos dos seus leitores, estará a Santa Igreja comemorando mais uma vez o possamento de todos os fiéis que morreram no seu seio.

Como Mão solícita e carinhosa, depositária dos tesouros espirituais, Ela convide, neste dia, todos os seus filhos que peregrinam pela Terra, a evocar com suas preces a memória daqueles que partiram deste mundo. Membros talvez de nossas familias, nossos companheiros de trabalho e amigos de nossas relações, nós os vimos partir para a vida do Além, deixando no nossa alma o espinho pungente da saudade.

Recordar a sua memória, é um acto de gratidão, orar pelo descanso de suas almas, é um dever de caridade cristã.

No Purgatório, onde expiam a pena de suas faltas para assim satisfazer á divina justiça, essas almas que nada já podem fazer em beneficio próprio para mitigar o seu sofrimento, imploram avidamente os nossas orações, fazendo chegar aos nossos ouvidos a sua súplica amiga: amiseremini mei, saltem vos amici mei... ao menos vós que sois meus amigos, tende compaixão de nós, com vossas orações a Deus.

Sim, caros camaradas, oremos pelos nossos mortos, neste dia que lhes é consagrado. Assim o exige o nosso espirito de confraternização cristã, assim não-imploramos em fervorosas súplicas os almas dos que se nos adiantaram na viagem para a eternidade.

Além dos membros de nossas familias por quem mais directamente temos obrigação de orar, não esqueçamos os nossos amigos e companheiros, a fim-de quem pela misericórdia de Deus, descançarem em paz todos os operários que morreram no campo de honra do trabalho.

## Em defesa dos Sindicatos

Não nos metemos em companhia ao prazer de fazer algazarra, nem pela tentação de nos tornarmos os veis aos nossos leitores. Quando nos temos nelas, é por um dever de ciência e pela necessidade de defender a Pátria e os seus filhos mais sitados de justiça.

Sabemos, de fonte segura, que cam a tomar-se medidas em defesa dos sindicatos e que existe nos entidades ciais o propósito de fazer vingar a organização corporativa. Como vai qualquer coisa de prático, cessamos agora, os nossos artigos em defesa grande arma de resgate da classe-rã — o Sindicato. Voltaremos, á cargo, logo que sintamos a necessidade de o fazer por bem de todos.

A razão que nos leva a delatado, por agora, este assunto, é o pocho do Senhor Dr. Salazar, me que em todos as obras ou trabalhos Estado, dados mesmo por emprentem preferência de colocação de rários sindicalizados.

Esta medida, de largo alcance encheu-nos a medida, pois leva a rários o procurar o seu Sindicato. —Ihe a sua cota e a sua força. Fic sim muitos sindicatos habilitados a o sério do melhoria do situação de rários seus associados, preparando biente para dias melhores.

Bem haja o senhor Presidente do selho!

E até depois, se fizer mister!

No próximo número, se Deus daremos uma boa trepa nos operários em vez de irem para o Sindicato fazer vingar, vão para o taberneto as suas economias e trazer á sua fama de malucos e de inconscientes